

Perfil da Informática na Educação nas Escolas Estaduais do Sudoeste Goiano

Joslaine Cristina Jeske¹, Júnia Silva Rocha Oliveira²

¹Coordenação de Ciências da Computação – Universidade Federal de Goiás
Campus Jataí (UFG) Jataí – GO – Brazil

²Instituto de Ciências Administrativas e de Informática
Faculdades Integradas de Mineiros (FIMES). Mineiros – GO –Brazil.

joslaine@gmail.com, juniags@hotmail.com

Abstract. *The objective of this work is to show the results of research of technology used in public schools in the southwest Goiás. The data were obtained by the interrogation based on questionnaire. The result of this investigation points to a delicate situation, since most of the schools are buying computers, having access to the Internet, nevertheless, the use of laboratories of computer is still unsatisfactory because there no exist Digital Inclusion Projects in the schools.*

Resumo *O objetivo deste trabalho é mostrar os resultados obtidos em uma pesquisa realizada sobre o uso da tecnologia em escolas estaduais do sudoeste goiano. Os dados foram obtidos através de pesquisa baseada em questionário. O resultado desta investigação aponta para uma situação delicada, já que as escolas, em sua maioria, investem em tecnologia através da compra de computadores, acesso à Internet, no entanto, o uso dos laboratórios de informática ainda não é satisfatório porque não existem Projetos de Inclusão Digital nas escolas.*

1. Introdução

O mundo se encontra em constante evolução. Mudanças e progressos ocorrem a todo tempo, e, indiscutivelmente, no ensino não poderia ser diferente. Segundo Valente (2003), a educação é um serviço e, como tal, sofre e se adapta às concepções paradigmáticas que vive a sociedade, portanto ela passa pelas mesmas transformações que outros segmentos da sociedade passam.

Baseado na idéia de Durkheim (2001), educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais que lhe exigem a sociedade política no seu conjunto e o meio especial ao qual está particularmente destinada.

A educação não tem uma fórmula pronta a seguir, a fórmula é criada, desvendada a cada passo em que se estimulam os educandos. Estes, por sua vez, têm seus conhecimentos prévios que devem ser levados em consideração para acrescentar nessa fórmula do educar, além de inserir a história da comunidade no currículo da escola

para incluí-la na educação, trazendo motivação necessária ao processo ensino-aprendizagem.

Machado (2008) afirma que a educação no mundo, pensada de forma concreta, tem que usar os mecanismos e ferramentas provenientes da ciência e do progresso humano.

Algumas iniciativas, aliadas às novas tecnologias estão sendo tomadas para tornar o processo ensino-aprendizagem mais natural e simplificado. Assim, o computador ganha cada vez mais espaço nas instituições escolares, contribuindo substancialmente para tornar as aulas mais interativas e produtivas, fazendo parte do cotidiano dos docentes. De acordo com Ferreira (2000), o computador serve para despertar a atenção dos alunos.

No entanto, Freire (2002) afirma que utilizar o computador como *marketing*, ou como um quadro negro onde se digita ao invés de usar o giz, é o grande erro que professores e escolas cometem. Para que isso não ocorra, o valor do investimento aplicado pelas escolas não deve estar no computador, mas na preparação dos profissionais da educação para melhor lidarem com essa tecnologia. É necessário que os educadores estejam capacitados e conscientes do seu papel, para que esse novo instrumento não se transforme apenas em um acúmulo quantitativo de informação, tornando-se um objeto a mais de instrução.

O objetivo deste trabalho é mostrar a situação das escolas estaduais da região sudoeste de Goiás quando se trata de equipamentos, laboratórios, apoio de pessoal especializado e projetos de inclusão digital.

2. Computadores como Ferramenta de Ensino

O contato com a tecnologia amplia o horizonte dos educadores e acena com novas possibilidades pedagógicas. A grande revolução que o computador promove é permitir uma educação massificada no sentido de que há muita informação disponível e ao mesmo tempo individualizada.

As velozes transformações tecnológicas da atualidade impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender. É preciso estar em permanente estado de aprendizagem e de adaptação ao novo. (Kenski, 2003).

A utilização dos computadores como ferramenta de ensino, torna o ambiente escolar mais atrativo, significativo, favorecendo a construção do conhecimento, além do fascínio que exerce nas crianças e adolescentes. Mas por outro lado, o papel do professor está sendo mudado, seu maior desafio é reaprender a aprender. Compreender que não é mais a única fonte de informação, o transmissor do conhecimento, aquele que ensina, mas aquele que faz aprender, tornando-se um mediador entre o conhecimento e a realidade, um especialista no processo de ensino-aprendizagem, em prol de uma educação que priorize não apenas o domínio dos conteúdos, mas o desenvolvimento de habilidades, competências, inteligências, atitudes e os valores de seus alunos.

Os recursos tecnológicos devem ser utilizados como uma ferramenta eficiente na construção de conhecimentos. Segundo Souza (2003) a informática quando adotada nas escolas deve integrar o ambiente e a realidade dos alunos, não só como ferramenta, mas também como recurso interdisciplinar, constituindo-se em alguma coisa a mais com que

o professor possa contar para bem realizar o seu trabalho na escola, desenvolvendo com seus alunos atividades, projetos e questionamentos. Sendo assim, o computador facilita uma aprendizagem mais autônoma, no momento em que o professor ensina a processar a informação de maneira crítica e reflexiva, a trabalhar em grupos e a efetivar trocas.

Porém isto não acontece para a grande maioria das crianças e adolescentes brasileiros. Muitas das escolas públicas ainda não possuem um laboratório de informática, e as que possuem são pouco utilizados e explorados pelos professores.

3. Metodologia

Foi realizada no período de Setembro à Dezembro de 2008, uma pesquisa de campo com os profissionais de educação das Escolas Estaduais de Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano dos municípios localizados na Região Sudoeste de Goiás.

A pesquisa fundamentou-se na busca de respostas às seguintes questões: A escola possui laboratório de informática? Os computadores são interligados em rede? A escola possui acesso à *Internet* para os alunos? Há monitores para auxiliar alunos e professores quando necessário? Existe algum programa ou Projeto de Inclusão Digital que esteja sendo executado na escola? A escola procura melhorar o ensino utilizando recursos tecnológicos proporcionados pela nova era digital? Existem equipamentos tecnológicos disponíveis para professores ministrarem suas aulas?

O questionário foi enviado aos profissionais da educação através de *e-mail*. Coube a cada escola responder o *e-mail* e devolvê-lo a fim de que as respostas pudessem ser analisadas e o resultado da pesquisa ser divulgado através de gráficos.

3.1. Público Alvo

Goiás, conforme dados divulgados pelo IBGE, possui mais de cinco milhões de habitantes, 1.109 escolas estaduais, divididas em 39 subsecretarias. As subsecretarias alvo desta pesquisa foram: Iporá, Jataí, Mineiros, Quirinópolis e Santa Helena.

A Subsecretaria Regional de Iporá abrange as cidades de Iporá, Amorinópolis, Caiapônia, Diorama, Doverlândia, Israelândia, Ivolândia, Jaupaci, Montes Claros de Goiás e Palestina de Goiás, com um total de vinte e nove escolas estaduais.

A Subsecretaria Regional de Jataí abrange nove cidades, Aparecida do Rio Doce, Aporé, Caçu, Chapadão do Céu, Itajá, Itarumã, Jataí, Lagoa Santa e Serranópolis, totalizando vinte e quatro escolas estaduais.

A Subsecretaria Regional de Mineiros abrange as cidades de Mineiros, Santa Rita do Araguaia, Portelândia e Perolândia. Treze escolas fazem o total de instituições de ensino na região.

A Subsecretaria Regional de Quirinópolis abrange as cidades de Quirinópolis, Cachoeira Alta, Gouvelândia, Paranaiguara e São Simão. As escolas estaduais da região somam vinte e três instituições de ensino.

A Subsecretaria Regional de Santa Helena abrange as cidades de Santa Helena de Goiás, Acreúna, Maurilândia e Turvelândia, com um total de quinze escolas estaduais.

4. Resultados Obtidos

A figura 1 apresenta o total de escolas que foram contactadas em cada subsecretaria e quantidade das que responderam. Um dado interessante, é que nesta pesquisa foi possível entrar em contato com todas as escolas das subsecretarias de Iporá, Jataí, Mineiros e Santa Helena. Somente não foi possível encontrar todas as escolas da região de Quirinópolis.

Pode-se notar pela figura 1 a participação da maioria das escolas. Por exemplo, a subsecretaria de Mineiros teve uma participação maciça, já que das treze escolas, só uma não participou da pesquisa. A subsecretaria de Iporá foi a que teve uma participação mais modesta, somente 50% das escolas que foram consultadas responderam ao questionário. Enfim, o grande número de respostas, mostra o interesse da administração escolar na pesquisa, e quiçá, o interesse pelo tema *informática na educação*.

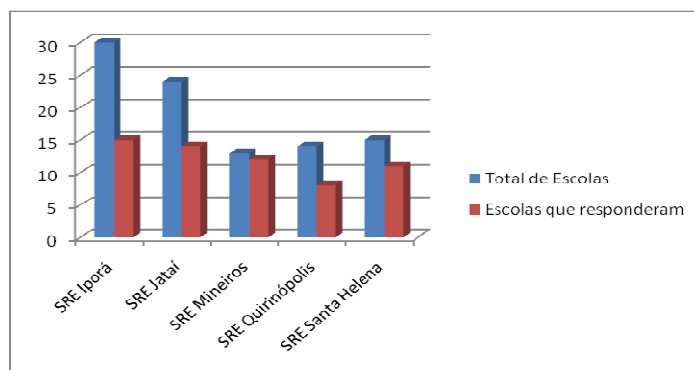


Figura 1: Escolas Pesquisadas por Subsecretarias da Região Sudoeste de Goiás

Uma característica marcante encontrada nas escolas foi o fato de que em sua totalidade, as escolas que possuem laboratório, necessariamente também possuem acesso a *Internet*, como pode ser visto na figura 2. Apesar de ser um fato aparentemente óbvio, no entanto, mostra a preocupação da administração em oferecer condições físicas necessárias para o melhor aproveitamento da tecnologia. No entanto, por outro lado, o número de monitores, ou melhor, a disponibilidade de pessoas para auxiliar aos professores nas aulas de informática fica a desejar. A subsecretaria de Jataí é a que apresenta os melhores resultados, já que todos os laboratórios possuem monitor. Também, a subsecretaria de Santa Helena, pois das dez escolas que têm laboratório, somente um laboratório não possui monitor. Ao contrário destas, a subsecretaria de Mineiros teve o pior resultado, já que dos seis laboratórios, somente três contam com a ajuda de um monitor.

Um dado alarmante que foi detectado na pesquisa se deve ao fato de que somente a subsecretaria de Mineiros tem projeto de Inclusão Digital, como mostra a figura 3. A premissa que norteia a idéia de Inclusão Digital é que todo cidadão tem o direito à informação. No entanto, conforme Takahashi (2000), somente disponibilizar tecnologia não significa inclusão digital. O acesso à *Internet* é condição necessária, porém, por si só também não é garantia de inclusão digital. Para que as pessoas sejam incluídas nos benefícios da tecnologia digital, é preciso, além do acesso e manejo

técnico da tecnologia, que elas adquiram a capacidade de integrar efetivamente a tecnologia em sua vida, desenvolvendo competências que resultem na melhoria da qualidade de vida.

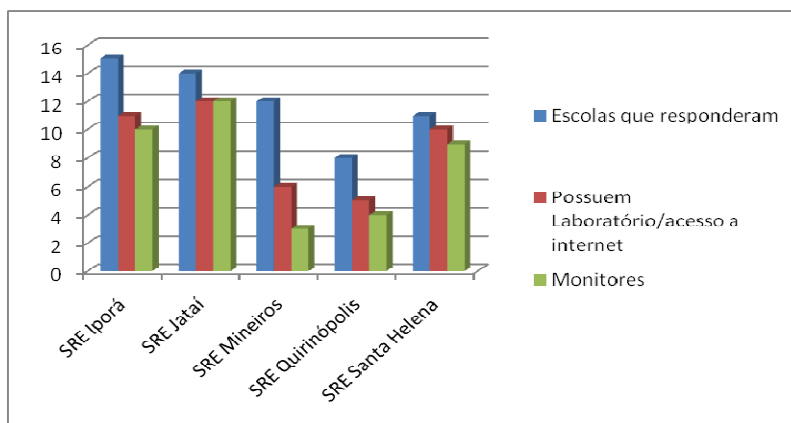


Figura 2: Características das escolas

As escolas, por sua característica de disseminadoras do conhecimento, deveriam reduzir o analfabetismo virtual, e infelizmente, constata-se que os laboratórios de informática das escolas pesquisadas não têm servido a comunidade como deveriam. Inúmeros são os motivos que podem levar a esta situação, como, por exemplo, falta de treinamento dos professores.

Como também é mostrado na figura 3, os docentes acreditam no potencial de uso das tecnologias digitais no ensino, seja para estimular ou proporcionar novas estratégias de aprendizagem. Mas, ainda existe uma certa resistência ao uso dos laboratórios. O ponto chave deste problema pode estar no fato de que ainda não houve articulação entre a tecnologia educacional e o projeto político-pedagógico das escolas.

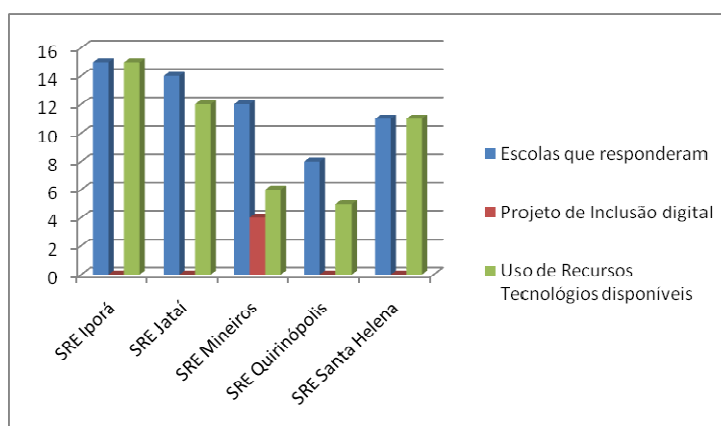


Figura 3: Projeto de Inclusão Digital e Uso da Tecnologia

5. Considerações Finais

Tomando como base dados obtidos nos questionários respondidos para essa pesquisa, o presente trabalho mostra uma realidade de certa forma incômoda, pois apesar da grande participação das escolas, nem todas possuem laboratório ou monitores. E o fato mais

grave, com exceção da subsecretaria de Mineiros, todas as escolas não possuem projeto de Inclusão digital.

É papel da escola democratizar o acesso ao computador, promovendo a inclusão sócio-digital dos alunos. É preciso, de forma urgente, que os dirigentes discutam e compreendam as possibilidades pedagógicas deste valioso recurso e, principalmente, que haja um investimento na qualificação do professor e não somente em equipamentos. Por outro lado, o professor deve se conscientizar de que não se muda de paradigma apenas colocando uma nova roupa, pintando a fachada da escola, colocando telas e telões na sala de aula, se o aluno continua na posição de simples telespectador.

Não é somente a introdução da tecnologia em sala de aula que traz mudanças na aprendizagem dos alunos. O computador não é um remédio para todos os problemas educacionais. O grande desafio da atualidade consiste em trazer essa nova realidade para dentro da sala de aula.

Com base na realidade apresentada será possível, através de convênios da Universidade com o governo Federal, Estadual e entidades privadas, elaborar propostas para incluir digitalmente o professor, fazendo com que ele se sinta preparado para ministrar seu conteúdo utilizando o laboratório, e, principalmente, que o aluno se sinta motivado a aprender a usar recursos computacionais. Dessa maneira, ocorrerá uma melhor utilização dos laboratórios já existentes, e a possibilidade de criação de novos pontos de inclusão digital para a comunidade.

Referências

- Durkheim, E.(2001), “Educação Moral”. Editora Vozes, 2001.
- Ferreira N.S.C. (2003), “Formação continuada e gestão da educação no contexto da cultura globalizada”. São Paulo: Cortez
- Freire, P. (2002) “Cartas a Cristina”. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- IBGE (2009) “Instituto Brasileiro de Geografia”. <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 10 de janeiro de 2009.
- Kenski, V M.(2003) “Tecnologias e ensino presencial e a distância.” São Paulo: Editora Papirus,
- Machado, J. L. A. (2008), "Na Sala de Aula com a Sétima Arte – Aprendendo com o Cinema" Editora Intersubjetiva.
- Souza, D. B; Faria, L. C. M. (orgs.) (2003) “Desafios da educação Municipal”. Rio de Janeiro: DP&A.
- Takahashi, T. (2000) “Sociedade da Informação no Brasil” (org) - Livro Verde. Ministério da Ciência e Tecnologia. Brasília (DF),
- Valente J. A. (2003), “Formação de Educadores para o uso da informática na escola.” Campinas, São Paulo: UNICAMP/NIED, 2003